



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Valentina Sampaio e a Representação da Mulher Trans no Instagram¹

Gabriel Carvalho dos Santos²
Carlos Renan Samuel Sanchotene³

Resumo: Este trabalho busca compreender de que forma acontece a representação da mulher trans no Instagram, a partir da análise de publicações do perfil da modelo Valentina Sampaio. Acredita-se que o Instagram possibilita maior autonomia para contar novas narrativas, produzir e compartilhar imagens acerca de representações sociais. Busca-se compreender questões que envolvem a transexualidade, movimento LGBTQIA+, trans e travesti. Para tanto, realizou-se uma análise de conteúdo do perfil da modelo entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024, totalizando um ano de material coletado. Os posts foram categorizados entre publicações de campanhas publicitárias, publicações de vida pessoal e publicações de ativismo. Os resultados apontam que as redes digitais estão abrindo caminhos para a representatividade trans sendo um meio de visibilidade e autonomia.

Palavras-chave

Valentina Sampaio; Instagram; Mulher Trans; Representação.

1. Introdução

A transexualidade tem sido pesquisada pela comunidade científica de forma tardia. Segundo Dias (2015), no Brasil, os estudos começaram no final da década de 90. Pesquisa feita pelo autor através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

¹ Trabalho apresentado no GT3 Representação corporal, saúde e sofrimento no ciberespaço do IV Encontro Virtual da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura: Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial. Realização da UNIFAE, nos dias 20 e 21 de junho de 2024.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Divinópolis. Email: gabriel.1224carvalho@gmail.com

³ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Divinópolis. Email: carlos_sanchotene@yahoo.com.br



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

mostra que anterior a 2003 constavam três publicações referentes ao tema, sendo estas de 1995, 1997 e 2001. A primeira da área do direito e as duas posteriores da antropologia. O autor assevera que é importante recorrer a mais pesquisas sobre esses assuntos, visto que, é por meio delas que é possível trabalhar para resolver as consequências negativas que a marginalização do grupo traz para seus pertencentes desde as questões familiares a elaboração de políticas públicas.

Filho, Santos e Oliveira (2022) explicam que a falta de conversas sobre o tema gera uma invisibilização que se alastra para outras esferas da sociedade e, quando o assunto é a falta de representação da transexualidade e a travestilidade entre os indivíduos, um campo que se torna bem suscetível a críticas é o midiático. Para os autores, a persistência na generalização dos termos relacionados desses grupos transforma o imaginário popular dificultando cada vez mais uma representação correta nos veículos de comunicação.

Silva (2000) complementa argumentando que as identidades necessitam do processo de representação para existirem. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade” (Silva, 2000, p. 91).

Nesse sentido, Filho, Santos e Oliveira (2022) explicam que a produção discursiva é um lócus privilegiado capaz de determinar características esperadas ou ainda criar e reproduzir estereótipos sobre as diferentes identidades. Para os autores, as representações às quais temos acesso tendem a oferecer imagens pré-concebidas de determinados grupos sociais, moldando nossa opinião sobre estes e até o próprio modo como estes grupos se percebem.

A questão da produção de sentidos sobre as identidades das mulheres transexuais é problemática. Segundo Filho, Santos e Oliveira (2022) temporalmente alguns avanços são percebidos, mas ainda existe uma persistência sobre estereótipos que foram construídos ao



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

longo de um século. Os autores ressaltam que mulheres transexuais ainda são descritas na grande mídia como pessoas doentes que buscam nas cirurgias de redesignação sexual uma cura, desconsiderando todas aquelas que não desejam se submeter a cirurgia. Os autores também explicam que outro olhar advém da persistência em negar seus direitos civis, impedindo que sejam capazes de alcançar objetivos que já estão inseridas em contextos de privilégios cisgênero⁴.

Partindo do pressuposto de que o Instagram é uma ferramenta utilizada não só para compartilhar fotos e vídeos, mas também contribuir para a mudança na percepção sobre a vida de pessoas trans, busca-se compreender como a modelo Valentina Sampaio utiliza seu perfil no Instagram para a normalizar corpos trans. O objetivo da pesquisa é analisar e identificar as estratégias utilizadas no perfil da modelo, descrever as tematizações discutidas, além de compreender e refletir sobre a representação de pessoas trans. A análise compreende o período entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024, totalizando um ano de material coletado, correspondendo a 32 postagens. Os posts foram categorizados entre publicações de campanhas publicitárias, publicações de vida pessoal e publicações de ativismo.

Para tanto, o presente trabalho está estruturado da seguinte maneira: primeiramente abordamos. Primeiro, é apresentado o movimento LGBTQIA+ (Green, 2000; Green; Quinalha, 2023; Brito; Silva, 2017), em seguida, o movimento e a luta de mulheres trans e travestis (Passos, 2022; Silva; Ramacciotii, 2020; Souza, 2023). Logo após, mostramos a metodologia e análise. E, por fim, são apresentadas as considerações do estudo.

2. Movimento LGBTQIA+

De acordo com historiadores atuais, a homossexualidade está presente nas

⁴ Uma pessoa cis é aquela que nasceu com sexo biológico feminino e se identifica como mulher. Ou que nasceu com o sexo biológico masculino e se identifica como homem.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

sociedades há milhares de anos. Alexandrino (2021) traz que entre os gregos a camaradagem era vista como uma prática feita entre amigos. No Brasil, os relatos de portugueses que vieram ao país no período de 1500 mostram um espanto da classe conservadora e cristã com as relações homossexuais entre nativos (Trevisan, 2018).

No período da República brasileira, em novembro de 1889, se tem o início de muitas mudanças sociais, políticas e econômicas no Brasil. Neste momento, a vida brasileira era movida por ideias da modernidade. Muitas invenções mudaram as relações sociais e humanas, como por exemplo o avião, energia elétrica, gramofone, entre outros (Silva, 2015). Porém, apesar das novas mudanças e um novo Código Penal sendo estabelecido, no qual continuava a discriminação da sodomia (Green, 2000), os meios coercitivos continuavam por controlar, julgar e condenar o comportamento homossexual de maneira indireta.

Neste momento da *belle époque brasileira*⁵, havia também um estereótipo com homens que praticava sexo com outros homens, tendo o nome sendo associado a prostituição (Green, 2000). Assim, a efeminação do homem e a prostituição foram relacionadas ao comportamento e relações homossexuais até a segunda metade do século XX, quando surgiram alternativas de identidade sexual que questionava essa ideia dominante (Green, 2000).

O primeiro período da ditadura militar (1964-1968), foi uma fase que aconteceu uma perseguição maior do sindicalismo organizado. Neste momento, a homossexualidade era uma ameaça ao autoritarismo. “O Anticomunismo se articulava com valores morais conservadores na produção de políticas repressivas do estado contra pessoas LGBT, pelos riscos que estas representavam à “família”, à “moral” e aos “bons costumes” (Green; Quinalha, 2023, p.17).

⁵ A Belle Époque no Brasil teve início em 1889, com a Proclamação da República, e foi até 1922, encerrando-se com a semana de Arte Moderna em São Paulo. Assim como na Europa, foi um período de intenso desenvolvimento tecnológico, arquitetônico e urbano. A ligação do Brasil com a França foi intensa na Belle Époque, tanto que a alta burguesia viajava com frequência à Paris para estar informada sobre as tendências culturais, artísticas e tecnológicas. É importante frisar que a Belle Époque no Brasil foi concentrada nas regiões mais prósperas do país na época: a região do ciclo da borracha (Amazonas e Pará), a região cafeeira (São Paulo e Minas Gerais) e as três principais cidades coloniais brasileiras (Recife, Rio de Janeiro e Salvador).



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

No segundo período (1968-1969) foi característico pela efervescência cultural e mobilizações contra o endurecimento da violência. Porém, a edição do AI-5 decretada em dezembro de 1968 traz fim as expectativas de molharas, uma vez que a repressão, a censura, o medo, as violências, a cassação de direitos e o poder policial diminuíram as chances de uma organização LGBT (Green; Quinalha, 2023).

Na terceira etapa que durou até 1973, foi um período conturbado, pois ao mesmo tempo que ocorria toda a repressão com gays, lésbicas, transsexuais, travestis, também aconteceu o Milagre Econômico⁶ e um grande desenvolvimento econômico que culminou no consumismo, especialmente de bares e baladas urbanas, na qual eram bastante movimentadas pelo público gay da época (Green, Quinalha, 2023).

A partir de 1977, as mobilizações estudantis, greves nas zonas industriais da Grande São Paulo por todo o país ajudaram a mostrar que existia uma possibilidade de contestar a ditadura militar (Green; Quinalha, 2023). Assim, com esse sentimento de revolta pairando naquele momento, culminou para o surgimento do jornal *Lampião da Esquina*, considerado por alguns pesquisadores como o marco zero do movimento homossexual brasileiro (Brito; Silva, 2017, p.216).

O jornal *Lampião da Esquina* surgiu como uma forma de imprensa alternativa, uma vez que, com a Lei de Censura prévia à Imprensa do período de AI-5, censurava a Mídia e silenciava as discussões e entretenimento sobre gays, lésbicas, travestis e transexuais. Assim, o periódico abordava discussões acerca de sexualidade, pauta LGBTQIA+, lutas por direitos e liberdade de expressão e de gênero para a comunidade (Brito; Silva, 2017). O jornal foi um marco para o início do movimento de luta pelos direitos LGBTQIA+ no Brasil e ajudou a registrar como essa população vivia naquela época e era tratada, sobretudo, por estarem vivendo em um período de regime autoritário.

⁶ Milagre Econômico ou "milagre econômico brasileiro" corresponde ao crescimento econômico ocorrido no Brasil entre os anos de 1968 a 1973. Esse período foi caracterizado pela aceleração do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), industrialização e inflação baixa.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Nos anos finais da ditadura militar, apesar de uma chama de mudanças começar a acender, a repressão policial ainda foi muito forte, entre os anos de 1976 e 1982 (Green; Quinalha, 2023). Os movimentos feminista e negro que já haviam se estruturados e estavam acontecendo, serviram de exemplos para o início do Movimento LGBTQIA+ (Green; Quinalha, 2023). Grandes avanços foram feitos pelos grupos militantes como o Grupo Gay da Bahia e o Triângulo Rosa.

Faz parte desse período a campanha nacional do GGB pela retirada da homossexualidade do Instituto Nacional de Assistência Médica (INAMPS), ou seja, a luta pela despatologização [...] Também foi nesse período o surgimento da expressão “orientação sexual” em oposição ao que seria uma opção, uma escolha. O grupo Triângulo Rosa do Rio de Janeiro assim como o Grupo Gay da Bahia se formalizou e realizou uma campanha pela inclusão da não discriminação pela orientação sexual na Constituinte de 88, sem sucesso. Mas tal iniciativa viria influenciar o Movimento na luta contra a discriminação e é dessa corrente que surgem legislações punitivas em âmbito estadual e municipal (Pereira, 2022, p.45).

É importante destacar que nesse momento, os homossexuais e as travestis não apresentavam uma distinção. É apenas no final da década de 1970, quando movimentos homossexuais brasileiros começam a lutar para incluir na Constituição de 1988 o termo “orientação sexual”, como forma de combater a discriminação, que essa diferença começa a ser mais evidente dentro da sociedade.

3. O movimento e a luta de mulheres trans e travestis

Apesar do Movimento LGBTQIA+, teoricamente, englobar toda a parcela da sociedade que não se encaixava no padrão da heteronormatividade⁷ e cisgênero, mas que

⁷ A heteronormatividade é a ideia de que apenas relacionamentos heterossexuais, ou seja, entre pessoas de sexos opostos, são considerados corretos ou normais. Como a própria construção da palavra sugere, o conceito coloca a heterossexualidade como norma na sociedade.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

dentro da sigla essa parcela era dividida em subgrupos que possuíam suas individualidades, vivências, reivindicações diferentes e até mesmo o nível de violência sofrida.

As discussões acerca da transexualidade sejam relativamente recentes quando observadas no contexto histórico, já se tem relatos feitos no século XV sobre pessoas que apresentavam comportamentos diferentes. Moreira e Marcos (2019), relatam que os primeiros registros de transexualidade vieram da França. Registros contavam a havia a história de uma mulher que chegou como homem a um povoado de Champanhe. Muitos destes documentos contavam apenas sobre a mudanças de vestimentas, comportamentos, mas também existiam os casos de mudanças de gênero, como o de Germain Garnier, empregada do rei Carlos IX, que foi batizado como Marie, mas que na adolescência foi identificado com o gênero masculino.

Conta-se que, no período de sua puberdade, a menina Marie havia saltado por cima de uma vala quando corria atrás dos porcos, num campo de trigo. Naquele momento, a genitália se desenvolveu nela, rompendo os ligamentos que até então a prendiam. Marie foi até a casa e procurou pela mãe, que consultou médicos e cirurgiões, os quais lhe garantiram que sua “filha” agora era seu “filho”. Um bispo do lugar declarou, em assembleia, que realmente havia ocorrido uma transformação. Dessa forma, Marie passou a se chamar Germain e ganhou roupas masculinas (Moreira; Marcos, 2019, p.597).

A partir deste primeiro registro até meados do século XVIII, as diferenças biológicas, estruturas físicas e órgãos genitais não eram os critérios fundamentais para se definir o gênero de uma pessoa, sobretudo na binaridade entre homem e mulher.

No século XVII, uma das primeiras personagens transexuais que se tem relatos é relacionado ao primeiro caso de homofobia/transfobia no Brasil. Tibira, indígena Tupinambá, descrito como hermafrodita, pois, possuía os cabelos finos, flexíveis e cumpridos, voz e pele lisas, foi condenada pela Inquisição por causa da sua complexidade transviada da sua vida (Yu, et al., 2022). A tupinambá, acusado de praticar sodomia, foi presa, obrigada a se batizar



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

antes de ser assassinada e em seguida teve seu corpo amarrado na boca de um canhão e teve seu corpo estourado Mott (2007).

No Brasil, a luta por direitos, visibilidade e um espaço digno na sociedade inicia apenas a partir da década de 70. As inquietações a respeito da garantia de direitos, respeito, dignidade de pessoas transexuais iniciam no final dos anos de 1970, quando o país estava se encaminhando para o final da Ditadura Militar. As reivindicações feitas por trabalhadoras sexuais contribuíram a conscientização de travestis. “Uso generalizado da contravenção penal da vadiagem, constantemente acionada contra trabalhadoras sexuais, fossem elas mulheres cisgêneras ou travestis” (Passos, 2022, p.51). Ainda neste mesmo período, as travestis que viviam na cidade de São Paulo foram vítimas de uma narrativa de que eram perigosas e colocavam em risco a sociedade (Passos, 2022).

Em 1995, um grupo de mulheres trans e travestis começou a se organizar politicamente para a reivindicação de seus direitos que essas conseguem formalmente participam do MHB⁸, Movimento Homossexual Brasileiro (Carvalho, Carrara, 2013). Em 1997, cria-se o Movimento Transexual de Campinas – MTC -, no qual, foi um grupo marcado pela preocupação pedagógica a respeito da transexualidade (Carvalho, Carrara, 2013). No ano 2000, em Curitiba, inicia a criação da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais – ANTRA. Essa constitui como a maior rede nacional de ONGs de travesti se transexuais da América Latina.

Um avanço histórico na luta do Movimento Transexual foi a criação do programa social Brasil sem Homofobia, em 2004. O programa tinha como objetivo “a promoção da cidadania, a equiparação dos direitos e o combate à violência contra pessoas LGBT” (Souza, 2023, p. 8).

⁸ MHB – Movimento Homossexual Brasileiro, foi o formato da sigla para representar a comunidade começou na década de 1970. Na época, o movimento era intitulado Movimento Homossexual Brasileiro (MHB). Depois de diversas conferências com ativistas e militantes, incorporaram-se outras siglas, principalmente pela atuação de lésbicas, pessoas transexuais e bissexuais. Assim, chegou-se à sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes).



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Outro marco histórico foi a conquista do Dia da Visibilidade Trans, comemorada no dia 29 de janeiro. A data foi conquistada em 2004 com a participação de travestis, transexuais em conjunto com o Congresso Nacional, como parte da primeira campanha Travesti e Respeito⁹, contra a transfobia¹⁰ no Brasil (Souza, 2023).

A partir do século XXI, o movimento trans ganhou cada vez mais força, principalmente em relação a políticas públicas para esta população. No campo político, as políticas públicas para a proteção e o exercício da cidadania para pessoas transexuais ainda são escassas. “A agenda de políticas públicas próprias da comunidade LGBT no Brasil ainda é incipiente, se comparada àquelas voltadas para a coletividade heterossexual e até mesmo para outras minorias e grupos vulneráveis” (Mazano; Cardin, 2017, p.157).

Outro ponto característico de políticas voltadas para pessoas trans são relacionadas a saúde e exploração sexual. Dessa forma, por mais que sejam de extrema importância, porque visam “combater o tráfico de pessoas, crime muito comum a travestis e transexuais; garantia do direito ao processo transexualizador referente a redesignação sexual e o uso do nome social especialmente nos órgãos públicos” (Silva; Ramacciotii, 2020, p.393). Essas políticas ficam restritas apenas a essas necessidades, como por exemplo, políticas de educação para a inclusão dessa população no mundo do trabalho (Silva; Ramacciotii, 2020).

Dessa forma, é de fundamental importância a presença de pessoas transexuais em cargos políticos, uma vez, que essas conseguem compreender melhor as vivências e necessidades desta população por terem um contato direto, uma maior identificação, ou, até mesmo, já terem vivido as mesmas condições (Paranhos, 2023).

4. Caminhos metodológicos

⁹ “Travesti e Respeito”, do Departamento DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, e foi criada com o objetivo de sensibilizar educadores e profissionais de saúde e atentar para a própria cidadania e autoestima de travestis e transexuais.

¹⁰ O termo transfobia é um conceito usado para designar e analisar as múltiplas formas de violência contra pessoas trans – pessoas que vivem a transgeneridade.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Picchiai, Martinez e Azoubel (2020) afirmam que as mídias exercem poder sobre o público, atuando sobre as normas e condutas de uma época, além de reafirmar ou condenar conservadorismos e/ou abrir e fechar passagens para modos de existência de outros. Dessa forma, quando se discute a representação de pessoas trans, percebemos um comportamento em comum: a tentativa de resumir a vida dessas pessoas à violência e marginalidade, além de associá-las ao humor e a personagens caricatas.

Filho, Santos e Oliveira (2022), trazem que a produção de discurso é um dos principais recursos no processo de representação porque é capaz de determinar as características de um determinado grupo de pessoas no meio social.

As redes sociais como o Instagram, surgem como ferramentas de oportunidade para que pessoas trans sejam ouvidas, consigam um espaço digno na sociedade ou até mesmo ascensão social. Elas são uma espécie de vitrine no espaço virtual, no qual os indivíduos expõem suas vidas, produzindo e reproduzindo ideias, opiniões, trabalhos, discursos. Isso faz com que ao publicarem conteúdos que podem ser desde rotinas, trabalhos e, até mesmo, reivindicações, pessoas trans conseguem chamar a atenção e ganhar visibilidade. “Nesse cenário de conexão e expansão é importante entender como a internet e as redes sociais são capazes de interferir nas escolhas e no comportamento” (Lourenço; Lima; Rodrigues, 2021, p.90).

Dessa maneira, atualmente, a visão como a sociedade interpreta pessoas trans também pode ser alterada com influência das redes sociais. Por meio do Instagram, elas conseguem contribuir para que a imagem estereotipada de suas existências, resumidas a sofrimento, violência e prostituição, seja quebrada.

O objeto de estudo é fruto dessa dinâmica apontando que as imagens compartilhadas nas redes sociais se naturalizam com rapidez e desempenham papel fundamental no cotidiano das pessoas. Assim, quando Valentina Sampaio compartilha recortes da sua carreira bem-



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

sucedida e vida pessoal, ela, conseqüentemente, traz um novo olhar para a imagem da mulher trans.

Em relação à metodologia, optamos pela pesquisa qualitativa de análise de conteúdo (Bardin, 2011) que se baseia em três características: pré-análise – organização do material a ser analisado (leitura do material, escolha dos documentos, hipóteses, objetivos); exploração do material – codificação, no qual os dados são desmembrados, classificados e categorizados e tratamento dos resultados, inferência e interpretação – interpretação dos resultados.

A escolha da análise de conteúdo é benéfica porque utiliza instrumentos metodológicos em discursos diversificados para interpretá-los, objetivando identificar características específicas e temáticas. Para o presente trabalho, interessa-nos a análise do conteúdo compartilhado pela modelo trans, Valentina Sampaio, no seu perfil do Instagram no período entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024, totalizando um ano de material coletado e o total de 32 postagens. Os posts foram categorizados entre publicações de campanhas publicitárias, publicações de vida pessoal e publicações de ativismo. Assim, a análise de conteúdo compreende fotos, vídeos e legendas dos posts.

5. A representação de Valentina Sampaio no Instagram

Conforme apontado nos procedimentos metodológicos, 32 publicações foram analisadas com o objetivo de compreender como se dá a representação da mulher trans no Instagram. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, entendemos que o foco será nos temas abordados pela modelo. Notamos que as publicações em carrossel e em vídeos são as mais frequentes no perfil estudado. Das 32 publicações que compõem a presente análise, 12 posts foram em formato de carrossel, 12 em formato de vídeo e apenas 8 foram apenas uma foto. Neste último, observamos que são conteúdos sobre campanhas publicitárias.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

As categorias de temas criadas para organizar o objeto foram construídas a partir de assuntos diretamente relacionados a esta pesquisa e também após uma observação da similaridade de conteúdos e na mensagem que estavam transmitindo. Assim, para a análise foram estabelecidas três categorias, sendo elas: publicações de capas de revistas e publicidade, publicações de vida pessoal e publicações de ativismo.

Observando a categoria de publicações de capas de revista e publicidade, Valentina publica diferentes conteúdos divulgados as revistas na qual ela está na capa. As publicações, na maior parte das vezes, são em parceria com o perfil da revista da qual está fazendo parte, como no caso da Revista Vogue (Imagem 1), Harper's Bazaar. Nos posts, ela anuncia que está fazendo parte da edição da revista, alguns pontos do que foram discutidos na sua entrevista, o leitor encontrará na reportagem, além dos créditos aos profissionais que realizaram as fotos. Cabe destacar que uma temática sempre abordada pela modelo tanto nos trabalhos como também nas publicações é sobre os desafios, obstáculos sendo uma modelo trans, além do que ela tem a dizer sobre a representatividade que ela traz para outras pessoas trans.

IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

Imagem 1 - Post da capa da Vogue



Fonte: Instagram, 2024.

Ainda nesta categoria, o perfil da modelo no Instagram também contém vários vídeos promocionais de campanhas publicitárias par marca de lingerie (Imagem 2), Victoria's Secret. A participação da modelo nessas campanhas, para além das intenções comerciais e de discurso da marca, reforça os discursos da inclusão, representatividade, pluralidade de corpos e de mulheres, destacando que, independente das particularidades, todas são mulheres.

Imagem 2 - Post da campanha publicitária para Victoria's Secret



Fonte: Instagram, 2023.

Em um post carrossel¹¹ publicado em junho de 2023 (Imagem 3), a modelo está posando para foto em um evento chamado “Stonewall Day”, no qual participou. O evento faz parte de uma campanha que homenageia e celebra o legado de Stonewall¹² e a luta por igualdade de direitos LGBTQIA+. A presença de Valentina Sampaio mostra que além de estar inserida na comunidade, ela também se preocupa, luta e apoia a causa LGBTQIA+.

¹¹ Ferramenta do Instagram que consiste na publicação de mais de uma imagem de uma única vez.

¹² Stonewall é um bar de Nova York, no qual, em 28 de julho de 1969, ocorreu a “Revolta de Stonewall”. Uma batalha travada entre jovens gays e pessoas trans, em sua maioria negras, latinas e imigrantes contra a guarda policial estadunidense. A briga marcou a consolidação da reivindicação dos direitos civis para pessoas LGBTQIA+.

Imagem 3 - Post da participação no Stonewall Day



Fonte: Instagram, 2023.

A publicação de conteúdos relacionados a esse evento, a legenda que explica a comemoração do dia do Orgulho e as *hashtags* “*happypride*”, “*transisbeautiful*” e “*loveislove*”, indicam que a modelo utiliza da sua visibilidade e voz que conquistou ao longo da carreira para dar maior destaque não só a sua participação no evento, mas também a mensagem e reivindicações da campanha. Assim, por meio de seu ativismo social, contribui para que mais pessoas conheçam, apoiem e participem da luta pela igualdade de direitos, respeito e dignidade para a população LGBTQIA+.

Em publicação no formato carrossel realizada no dia 1 de janeiro de 2024 (Imagem 4), Valentina foge um pouco dos posts com conteúdo sobre moda, beleza, trabalho e pauta LGBTQIA+ para mostrar um pouco da sua vida pessoal. A publicação em questão é sobre como ela passou a virada do ano de 2023, comemorando a chegada do novo ano. Na legenda, ela traz mensagem de esperança e positividade para 2024.

Imagem 4 - Post da Valentina Sampaio comemorando o Ano Novo



Fonte: Instagram, 2024.

O conteúdo publicado pela modelo contribui para transmitir aos seus seguidores uma humanização do corpo trans, destacando sua vida social, sonhos, obstáculos, família e sentimentos. Assim, a carreira de sucesso e os seus diversos trabalhos como modelo são publicados no seu perfil do Instagram. Dessa forma, a rede social acaba sendo uma vitrine para dar visibilidade à comunidade a qual faz parte e, ao mesmo tempo, encorajar pessoas a buscarem seus espaços e superarem desafios.

Considerações

A imagem da mulher trans no imaginário social ainda é carregada de ideias pré-concebidas e preconceitos que são, muitas vezes, reafirmados até mesmo pelas mídias tradicionais. Com a chegada das redes sociais, as pessoas compartilham diversos momentos da sua vida particular. Pessoas trans conseguiram, na medida do possível, ter uma maior autonomia e controle da narrativa estereotipada. No caso de Valentina Sampaio, a modelo



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

consegue mostrar seu lado humano, suas vontades, família, sonhos, dedicação, talento e conquistas.

Em relação a análise, os dados mostram que a maior parte das postagens são relacionadas a categoria de “publicações de capas de revista e publicidade”, sugerindo que o perfil da modelo é uma espécie de portfólio da sua profissão e uma vitrine que mostra um pouco de sua carreira. Além disso, muitos de seus trabalhos são relacionados e tem como objetivos transmitir mensagens positivas sobre a representatividade e visibilidade trans, principalmente quando estampa capas de revistas e companhas publicitárias. Além de igualar corpos de mulheres trans e mulheres cis (Passos, 2022).

Assim, acreditamos que a pesquisa fornece informações e reflexões relevante sobre as formas pelas quais a mulher trans é representada nas mídias sociais, e destaca a importância de considerar uma diversidade de temas para estudar esta representação. Compreender a questão que dá vazão a este estudo, vai além da análise do perfil de Valentina Sampaio. Portanto, é inquestionável o uso das plataformas digitais, meios de comunicação e internet no cotidiano dos indivíduos e na construção identitária, imaginário popular e relações interpessoais.

Por fim, a pesquisa nos leva a acreditar que o Instagram, assim como outras plataformas digitais, colabora para o surgimento de novas formas de representar e enxergar a mulher trans. A midiaticização de corpos trans na mídia tradicional contribuiu, ao longo das décadas com imaginários estereotipados associados a mulheres trans. Há um longo caminho a ser enfrentado, contudo, as redes digitais estão abrindo caminhos para mulheres trans terem mais voz, visibilidade e autonomia indo além de questões ligadas à violência e marginalização.

Referências



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

ALEXANDRINO, R. **A Suposta Homossexualidade**. Curitiba: Appris Editora, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARVALHO, M.; CARRARA, S. Em direito a um futuro trans? Contribuições para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidade, Salud y Sociedad*. **Revista Latinoamericana**, n. 14, pp. 319-351, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/bwWdcsDTNwS9mxzBkX6MSmx/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 13 maio. 2024.

DIAS, R. B. **Identidade de gênero trans e contemporaneidade**: representações sociais nos processos de formação e educação. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Mato Grosso, Campo Grande, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/2680>. Acesso em: 12 mar. 2024.

FILHO, F; SANTOS, F; OLIVEIRA, M. Transexualidade impressa: a construção temporal das identidades das mulheres trans na Folha de S. Paulo. **Humanidades e Inovação**, v.8, n.58, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5525>. Acesso em: 18 mar. 2024.

GREEN, J. N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GREEN, J. N.; QUINALHA, R. **Ditadura e homossexualidade**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCAR, 2023.

LIMA, C.; LOURENÇO, P.; RODRIGUES, E. Influência do Instagram no Comportamento do Consumidor. **Faces Journal**. Belo Horizonte, v.19, n.2, p. 89-102, 2021. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/facesp/article/view/7523>. Acesso em: 18 mar. 2024.

MAZARO, J. L.; CARDIN, V. S. G. Da precariedade do acesso à saúde, das políticas públicas ineficazes e das técnicas clandestinas de modificação corporal utilizadas para travestis e mulheres trans. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, Porto Alegre, n. 37, p. 146-165, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/303991117.pdf>. Acesso em: 17 maio. 2024.

MOREIRA, E. A.; MARCOS, C. M. Breve percurso histórico acerca da transexualidade. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 2, p. 593-609, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/15311>. Acesso em: 15 maio. 2024.

MOTT, L. **A Inquisição no Maranhão**. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1994.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

PARANHOS, W. R. Travesti não é bagunça! Entrevista com Erika Hilton. **COR LGBTQIA+**, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 146–150, 2023. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/570>. Acesso em: 15 maio. 2024.

PASSOS, M. C. **Pedagogias das Travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

PEREIRA, C. F. **Movimento LGBTI+ e partidos políticos**: a institucionalização partidária da diversidade sexual e de gênero no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência Política) — Universidade de Brasília. Brasília, 2022. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/45847>. Acesso em: 12 maio. 2024.

PICCHIAI, D.; MARTINEZ, M.; AZOUBEL, D. Muros discursivos: mapeamento da cobertura trans pela Folha de S. Paulo entre 1960 e 2017. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 3, dez./mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/41070>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, E. O.; BRITO, A. M. Travestis e transexuais no jornal Lampião da Esquina durante a ditadura militar (1978-1981). **Dimensões Revista de História da Ufes**, Vitória, v. 38, p. 214-239, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/16813>. Acesso em: 23 maio. 2024.

SILVA, J.; RAMACCIOTTI, B. M. Programa Transcidadania: Política Pública de Inclusão de Mulheres Trans pela Educação Formal e Não-Formal. **Revista Humanidade e Inovação**, v.7, n.5, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2631>. Acesso em: 15 maio. 2024.

SILVA, T. R. **História do Brasil Republicano**. Indaial: Uniasselvi, 2015.

SOUZA, C. Travestis e Transexuais no Brasil: Memórias de Luta e Resistência. **Quaderns de Psicologia**, Coimbra, v. 25, n. 1, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8851628>. Acesso em: 21 maio. 2024.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

YU, W. *et al.* Nelas, através delas, em memórias: estigma, afeto e religiosidade em ativismo transcedentais no Brasil. **Líbero**. São Paulo, n. 51, p. 29-51, mai/ago. 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1750>. Acesso em: 24 mar. 2024.